

EM BUSCA DE UMA MEMÓRIA SILENCIADA

Lenita J. de Araujo¹

RESUMO

Este trabalho está fundamentado na teoria da Análise do Discurso da linha francesa que tem como seu fundador M. Pêcheux, e foi difundida no Brasil por Eni Orlandi. Esta teoria propõe compreender os processos de produção dos sentidos, considerando as condições de produção de um enunciado, e fazendo uma reflexão sobre a linguagem. Os primeiros habitantes do município de Apiacás foram os índios Apiaká e, devido ao processo de colonização, foram deslocados para uma reserva localizada no município de Juara- MT a 400 km de Apiacás. Atualmente os Apiaká mantêm relações frequentes com os Kayabi. As duas nações estão próximas ao Rio dos Peixes. Como ficam distantes do município, não temos nenhum tipo de contato com os Apiaká. Através das entrevistas pude perceber como se deu a “saída” ou quase desaparecimento dos Apiaká, e esta se deu devido aos confrontos com colonizador e colonizado (garimpeiros, pioneiros, colonos). Assim a coleta de dados se deu através de entrevistas com relatos de pioneiros da comunidade apiacaense. Esta pesquisa é de abordagem qualitativa pautada na interpretação da realidade por meio de uma representação segundo a visão dos sujeitos. Os procedimentos metodológicos utilizados foram: entrevistas com moradores mais antigos da região, observação e análise das mesmas. O método de interpretação dos sentidos utilizado na análise dos dados forneceu elementos significativos a respeito da quase extinção dos Índios Apiaká. Sabemos que quando falamos nos inscrevemos em uma determinada formação discursiva dada. Como seres sociais, influenciados pelo meio e, inconscientemente, reproduzimos uma ideologia posta. Portanto, faz-se necessário refletir sobre esses conceitos e, através desse trabalho busco levantar alguns questionamentos sobre os sentidos que estão imbricados no discurso sobre a quase extinção do índio. Estes mostram a constituição dos processos de significação e sentidos que estão relacionados a esse povo. Ao final desse trabalho, espero estar contribuindo para uma mudança de sentidos em nossa sociedade a respeito do índio Apiaká.

Palavras-chave: Opção pela teoria, colonização, Índios Apiaká, memória

¹Lenita Jorge de Araujo, Licenciada em Língua Portuguesa e Literatura pela Universidade Estadual UNEMAT, Especialização em Língua Portuguesa e Literatura, pelo Instituto Cuiabano de Educação ICE, Mestranda em Ciências da Educação Universidade San Carlos, Assunción PY. Professora de Língua Portuguesa no Ensino fundamental II, na Escola Municipal de ensino Básico Paulo Freire, Professora de Língua Portuguesa e Literatura no Ensino Médio, na Escola Estadual Portal da Amazônia, Apiacás - MT.

RESUMEN

Este trabajo se basa en la teoría del análisis del discurso de la línea francesa que tiene como su M. de fundación. Pêcheux, y fue separado hacia fuera en el Brasil para Eni Orlandi. Esta teoría considera para entender los procesos de la producción de las direcciones, en vista de las condiciones de la producción de una declaración, y de hacer una reflexión en la lengua. Los primeros habitantes de la ciudad de Apiacás habían sido los indios de Apiaká y, tuvo que el proceso que colocaba, los 400 había sido dislocado para una reserva situada en la ciudad de Juara- TM kilómetro de Apiacás. El Apiaká guarda actualmente relaciones frecuentes con el Kayabi. Las dos naciones están al lado del río a los pescados. Pues son distantes de la ciudad, no tenemos ningún tipo de contacto con el Apiaká. Con las entrevistas podría percibir como si casi diera a la “salida” o a la desaparición del Apiaká, y esto si dio debido a las confrontaciones con colonizador y colonizó (los goldwashers, los pioneros, los colonos). Así la recogida de datos si dio con entrevistas con historias de los pioneros de la comunidad del apiacaense. Esta investigación está de pautada que sube cualitativo en la interpretación de la realidad por medio de una representación según la visión de los ciudadanos. Los procedimientos usados de los metodológicos habían sido: entrevistas con más viejos habitantes de la región, del comentario y del análisis los mismos. El método de interpretación de las direcciones usadas en el análisis de los datos casi proveyó elementos significativos con respecto a extinguir de los indios de Apiaká. Sabemos que cuando hablamos en ellos inscribimos en una formación dada definitiva del discursiva. Como los seres sociales, influenciados para la manera y, unconsciously, nosotros reproduzca los envíos de una ideología por correo. Por lo tanto, uno llega a ser necesario reflejar en estos conceptos y, a través de este trabajo que busco para levantar algunos questionings en las direcciones que casi son imbricados en el discurso en extinguir del indio. Éstos demuestran la constitución de los procesos del significação y se sentían que están relacionadas esta gente. Al extremo de este trabajo, espero para contribuir para un cambio del fieltro en nuestra sociedad con respecto al indio de Apiaká.

Palabra-llave: Opción para la teoría, colocando, indios de Apiaká, memoria

INTRODUÇÃO

Tendo em vista a necessidade de conhecer melhor a nossa realidade e os fatos que ocorreram com os índios Apiaká antes e depois da oficialização da colonização dessa região, fui em busca de dados orais referentes aos acontecimentos da época. E com essa perspectiva, volto minha atenção para os primeiros instantes antes da colonização, em que essa terra era habitada por índios e garimpeiros nos primórdios dos anos de 1.978 a 1.988, momento esse que surgiram as primeiras iniciativas. No Brasil atualmente existem cerca de 460² (quatrocentos e sessenta) mil índios distribuídos entre 225 sociedades, dentre estes alguns vivem fora das terras indígenas. (dados da FUNAI) Cada etnia com suas histórias, costumes e tradições. Vivem em ambientes sociais, econômicos e políticos circundados por muralhas tão iguais e ao mesmo tempo diferentes que se convergem na luta das relações sociais. Essas relações estão presentes nos limiares do município de Juara-MT onde vivem os Rikbaktsa, os Kayabi, os Apiaka e os Munduruku, que a cada momento vem modificando o espaço progressivamente para adaptar as formas de ressignificação econômica, política, social e educacional.

A partir de então, estradas foram sendo abertas, pessoas vieram de várias partes do país, atraídas pelo brilho do ouro e por suas belezas naturais, e por isso Apiacás era uma região disputada pelos povos indígenas e garimpeiros que a habitavam.

Guiada por esse pensamento, procurei conhecer melhor nossa história, história essa que pretendo recontar a partir das experiências de vida daqueles que sobreviveram em meio à selva amazônica.

Diante desses aspectos e outros mais que surgiram durante um levantamento prévio é que decidi desenvolver este trabalho, com o intuito de conhecer e registrar através da memória e oralidade, as causas possíveis que desencadearam e marcaram a história da região.

Apiacás era uma área de mata virgem, uma região de muitas riquezas e belezas naturais, perfeito paraíso intocado pelas mãos do homem branco, mas muito disputada pelos povos indígenas.

Com o passar dos anos, chegaram os primeiros colonizadores. Vieram de regiões diversas, movidos pelo sonho e pela ambição de uma vida melhor. Acostumados ao trabalho árduo, traziam consigo a fé e a coragem dos desbravadores, heróis anônimos

que fazem a história, cujos nomes não aparecem nos registros, o que não lhes tira o mérito e a bravura de grandes homens a que realmente fazem jus.

Desvendando a realidade de cada pioneiro entrevistado, encontrei histórias carregadas de emoção, disfarçada, na maioria das vezes, pelas exigências da vida dura que os obrigava cada vez mais a adentrar nas matas em busca de espaços para a realização de um sonho. Sonho este que se concretizou através de massacres, e lutas sangrentas, em que muitos índios foram dizimados através de envenenamentos e confrontos com os brancos. Na época, muitos índios morreram em conseqüências de doenças que chegaram com os homens brancos. E devido a esses acontecimentos, um grupo de índios debandou da tribo temendo serem massacrados ou mortos pelas doenças. Muitos deles não foram encontrados e sua população é desconhecida. E continuam em frente, tentando se manterem vivos, desafiando perigos, abrindo caminhos, olhos voltados para o futuro que não lhes permite ver as agruras do presente. Quem são esses homens que a vida insiste em manter errantes? Que o sistema mantém à margem, sem espaço, num país imenso onde o que não falta é chão e mata para plantar e caçar? Que mãe pátria é essa que nega a seus filhos a oportunidade de “viver”? Que condições obrigam esse povo a seguir para lugares cada vez mais distantes; deixando para trás todo um mundo de laços afetivos, emoções e esperanças? Numa área tão grande, com certeza haveria terra para todos.

Na ânsia de conhecer o que moveram inúmeras pessoas a empreender essa aventura, fui em busca de informações. A conversa com os pioneiros permitiu-me conhecer um pouco mais essa história que faz parte do nosso cotidiano.

O sonho de um futuro melhor vendido pela Colonizadora Indeco moveu inúmeras pessoas para essa região amazônica. Bastaria ter coragem de enfrentar a selva.

Logo, o desafio do colonizador surtiu êxito. Seu empreendimento mais uma vez estava dando certo. Daria certo também para os Apiaká que aqui habitavam? Com certeza, se esse pensamento surgisse, seria logo afastado; não haveria tempo para dúvidas, as rédeas do futuro deveriam estar bem seguras.

1 Dados da FUNAI, disponível em www.funai.gov.br.

I - Opção Pela Teoria

Após ler o livro de Orlandi *Análise do Discurso Princípios e Procedimentos* (2000) percebo que essa teoria já foi discutida por outros teóricos, e que não tem definições limitadas, ou seja, não há um conceito único para ela, e isso poderá ser a sua principal qualidade. Assim sendo, a Análise do Discurso (doravante AD) não fecha seus limites, ela não se coloca como uma escola, muito menos com especificidade doutrinatória, ou mesmo como uma disciplina. Ela permite que o campo se abra para as reflexões, atingindo desde análises discursivas de mecanismos linguísticos precisos, como alguns termos gramaticais; ou lexicais, como análise de palavras em textos políticos ou mecanismos enunciativos como o jornalístico e o científico; ou ainda análises que refletem sobre a própria história dos conceitos como sujeito, textos, leituras...

M. Pêcheux (1969), fundador da AD, definiu o discurso como sendo efeito de sentidos e não como mero instrumento para transmitir informações. Ele revela ainda que, nos mecanismos de toda uma formação social, há regras de representação que estabelecem relações entre as situações no interior de um discurso; abrindo como perspectiva conhecimentos que atualmente se desenvolvem através de estudos que têm como ponto comum pensar a significação, a língua e ideologia, reintroduzindo a história em uma reflexão sobre a linguagem.

A AD trabalha justamente onde a língua faz sentido. E cada material de análise faz com que seu analista formule e mobilize conceitos que um outro não faria.

Uma análise depende muito das condições de produção, porque o sentido não está na palavra, e a AD trabalha com a possibilidade de outros sentidos, analisando primeiro o lugar antes da análise e a posição após a análise, e o sentido das palavras não está exatamente nelas mesmas, tem-se de ir além.

A AD trabalha a linguagem enquanto fato, e não enquanto dado. Procura compreender os relatos em que vários elementos são levados em conta: os interlocutores, o contexto da comunicação, e as condições sócio- históricas. Procura ter uma visão sobre o discurso, visando construir um método de compreensão dos sujeitos trabalhados com a linguagem.

A noção de memória é fundamental para que possamos entender os gestos de interpretação no material a ser analisado.

A AD não se prende a regras e a gramática, não privilegia só o conteúdo; tampouco considera o sujeito dono absoluto do dizer. Ela vai além do que está dito, observando os fatores históricos sociais que estão constituídos em um discurso.

O texto para Análise do Discurso é tomado como exemplar de discurso. Assim, não se analisa o sentido de um texto, mas como ele produz sentidos.

Em um texto estão contidas relações com significações históricas e sociais. Desse modo, é fundamental que compreendamos que a “formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica determina o que pode e deve ser dito” (Orlandi,2000: 43).

O que interessa para o analista de discurso é o “como” se fala, e são esses fragmentos que apontam aspectos importantes que serão utilizados na pesquisa, em que irão ser detectados pontos relevantes para o tema que vai ser analisado.

Ainda em relação as formações discursivas, Orlandi (Ibidem) coloca que

As formações discursivas podem ser vistas como regionalizações do interdiscurso, configurações específicas dos discursos em suas relações O interdiscurso disponibiliza dizeres, determinando, pelo já dito aquilo que constitui uma formação discursiva em relação a outras é afirmar essa articulação de formações discursivas dominadas pelo interdiscurso em sua objetividade material contraditória. (Orlandi 2000: 43-44).

Quanto ao discurso, ele “não é nem um sistema de idéias, nem uma dispersão em ruínas, mas um sistema de regras que define a especificidade de uma enunciação”. Eni Orlnadi ainda diz que a “noção de discurso supõe que no interior de uma língua, para a sociedade, um lugar, um momento definido, só uma parte do dizível forma um sistema e delimita uma identidade” (Idem,11).

Além disso, o discurso não é um aglomerado de textos, “ele é uma prática. E como toda prática, é constituído por ideologia” (Ibidem,12) não existindo discurso sem sujeito, nem sujeito sem ideologia.

O *corpus* em análise do discurso é provisório. A delimitação do mesmo não segue critérios empíricos, mas teóricos.

A opção pela teoria da AD foi porque ela nos faz refletir sobre a linguagem impulsionando-nos a ir além do que está no enunciado, buscando o dito que não está dito. A AD busca uma reflexão sobre a linguagem e não a considera algo frio, é lugar de

emoção, de debate, de resistência e também de opressão, “não é transparente, mas sim opaca, as palavras não têm sentido único, estará sempre se alterando conforme a posição relativa ocupada pelos sujeitos no momento em que enunciam” (Mariane, 1993:99). A linguagem é lugar de emoção, de debate, de resistência e também de pressão.

Enfim, a Análise do Discurso é uma teoria que considera o processo de constituição sócio- histórico e ideológico do sujeito, relacionando fatores ideológicos em que linguagem e sociedade se constituem mutuamente.

Vale ainda ressaltar, que o que não é falado também produz sentidos, isto é, significa.

Sendo assim, não posso deixar de fazer algumas considerações referente ao silêncio, que é uma das formas de discurso, e este tem sua significação própria, é o que podemos chamar de o não-dito, visto do interior da linguagem e este “não é o nada não é o vazio sem história. É o silêncio significante. (Orlandi, 1997: 73). O mesmo atravessa palavras ou o que existe entre elas, indicando que o sentido pode ser outro.

O Silêncio serve também para produzir uma certa resistência. Em uma determinada fala, por exemplo, (a do colonizador), muitas vezes já vem carregada de silêncio, servindo de resistência, e pondo em funcionamento o apagamento de determinados sentidos, que possam ser explicitados através de um enunciado realizado pelo indivíduo.

II - Contando um Pouco da Colonização de Mato Grosso

Mato Grosso encontra-se totalmente inserido na Amazônia Legal. Dessa maneira, teve seu território de uma hora para outra ocupado por camponeses, garimpeiros, posseiros e outras camadas da população que tivessem sido atraídas pelas propagandas de “grandiosidades” e “futuro promissor”.

Os discursos usados pelos políticos sobre a “valorização da Amazônia” e “ocupação dos vazios” demonstram ter ecos nos discursos dos políticos de Mato Grosso, ganhando o reforço da idéia de acabar com o isolamento, ao qual o estado estava condenado desde a fundação de sua primeira vila.

Mato Grosso se inseria na “Política de Integração Nacional” como sendo o “portal da Amazônia”, talvez um dos lugares mais propícios para se desenvolver a colonização do Norte brasileiro:

“Mato Grosso, estado agrícola por sua excelência, rico em recursos naturais, abundante em terras, mas também sub-povoado como atestava sua densidade demográfica menos de 0,6 habitantes por quilômetros quadrado, na época), era o território ideal para a implantação da política em causa. O boi para alimentar o mundo, e a terra para aqueles que dela eram banidos no Sul, no Nordeste e nos diversos azimutes nacionais, fariam deste Estado o “Paraíso” que “salvaria a nação da crise, e traria a paz tão desejada”.(OLIVEIRA, João Mariano- 1992)

Porém as terras amazônicas não se transformam em paraíso por acaso. A escolha de estado como “Portal da Amazônia, se dá pela estrutura já preparada para receber os investimentos particulares, sem se colocar em risco o capital investido, como a criação e efetivação do BASA (Banco da Amazônia S.A) e a SUDAM (Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia) que fortaleceriam os empreendimentos através de

programas de estímulos, créditos e colonização” (OLIVEIRA, João Mariano “A esperança vem na frente” 1983 p. 66)

Outros incentivos à entrada de Mato Grosso foram a construção de estradas, um meio de comunicação importante que vinha de encontro ao sonho de muitos em ligar mais facilmente o estado ao sul do país.

Apesar de todo ufanismo e todas as promessas, e esperanças em torno de Mato Grosso, a ocupação de suas terras, não foi diferente da ocupação do resto da região Norte do Brasil.

Atrás de terras para produzir, um grande contingente de migrantes veio à Amazônia e em particular ao Portal da Amazônia, o Mato Grosso, incentivados pelo projeto de Integração Nacional que lhes prometia uma realidade diferente daquela que os fazia sofrer tanto. Em busca do paraíso, os colonos vinham sem dinheiro algum, apenas com a sua vontade de trabalhar. Faziam a sua reforma agrária espontânea, sem a interferência burocrática ou técnica do governo. Mas sua produção acabava sendo apenas de subsistência, isto é, apenas para satisfazer suas necessidades. Estes mesmos posseiros acabavam sendo os pioneiros da região, preparando o terreno para a colonização oficial ou particular; assim, faziam o “trabalho sujo” isto é, envolviam-se

nos conflitos mais intensos, com os índios e mineradores por exemplo, deixando o campo livre para as colonizadoras.

A colonização oficial nunca chegou a ser um projeto de grande peso no estado, os incentivos que tornavam possível a construção de infra - estrutura e que ajudariam na colonização eram predominantemente estatais. Porém, a ocupação do estado se deu através das grandes empresas e das colonizadoras particulares, que se valiam dos incentivos fiscais postos à sua disposição pelo estado. Até o ano de 1978, o “INCRA, ainda não havia implantado nenhum projeto de colonização oficial e as grandes empresas agropecuárias já tomavam conta dos grandes espaços no Norte de Mato Grosso.(CASTRO: 1994: 77)

Os colonos que conseguiram lotes de terras, demonstraram muitas dificuldades para mantê-los. Depois de alguns anos, o capital monetário que haviam trazido do Sul acabava, e eles eram obrigados a proletarizar. Outro ponto negativo era a total falta de seriedade do Estado e das empresas que colocavam terras de baixa qualidade ou inférteis à disposição dos programas e projetos de colonização. A colonização oficial na década de 70, em mato Grosso foi quase que inexistente, o que deixava muitos migrantes desamparados frente às colonizadoras particulares.

Mato grosso era o “paraíso” só para os grandes empresários da colonização e para o estado que se beneficiavam com os empreendimentos da colonização, agropecuários, agro extrativos, agroindustriais, etc. Muitas áreas de colonização foram abandonadas, restando poucos colonos que tentavam resistir a mais um fracasso. Migravam para outros lugares no interior do estado, e principalmente para Cuiabá que sofreu um inchaço urbano. Esses colonos trocavam uma vida sem futuro no campo por outra sem futuro na cidade.

III - O Município de Apiacás

Apiacás. Um nome estranho. Quando alguém enuncia, nosso imaginário nos leva a pensar em índio, pois a denominação Apiacás é uma homenagem ao índio Apiaká, primeiros moradores desta imensa região.

Mal começaram os primeiros agricultores a se instalar, e a febre do ouro atropelou os planos da grande maioria. Como num passe de mágica, o núcleo se encheu de gente. Aventureiros corriam aos bandos. A situação fugia ao controle. O núcleo urbano parecia mais um formigueiro humano.

Com aquele enorme contingente populacional, vieram os problemas. A falta de uma estrutura básica obrigou as pessoas a se aglomerarem em núcleos de barracos sem as mínimas condições de higiene, trazendo diversas doenças e as dificuldades comuns a todos os aglomerados, onde muitos dividiam o mesmo espaço.

Num espaço temporal muito curto ocorreram transformações inúmeras que desnortearam os pioneiros que vieram com uma visão agrícola. Suas identidades foram transformadas através da grande variedade cultural trazida pelas pessoas que vinham de várias regiões, fundindo as diversas culturas.

Durante esse período, observou-se que a população apiacaense era constituída de aproximadamente 69.595 pessoas, sendo que 6.722 residiam na área urbana e 8.324 moravam na zona rural e a maior parte então (54.549) era formada por garimpeiros (população flutuante).

Assim se desenvolvia Apicás no Norte do Estado de Mato Grosso, fazendo parte da Bacia Amazônica.

As atividades programadas para a colonização do município vinham da Colonizadora INDECO (Integração, Desenvolvimento e Colonização). Em maio de 1983, iniciou-se o loteamento do núcleo de Apicás pela mesma colonizadora.

Após a demarcação dos lotes urbanos e rurais, eles passaram a ser comercializados. A proposta era de que nesta região fossem desenvolvidas atividades agropecuárias. Com essas atividades surgiram às crises econômicas. O povoado cresceu, forçando assim a criação do distrito. Nessa época, as pessoas começaram a encontrar ouro na região. E em 1984, estourou forte o garimpo.

Em seis de julho de 1988, pela Lei Estadual nº 5.322, foi criado o município com a denominação de Apicás. (Cidades de Mato Grosso p. 27, 28)

A base econômica que antes era concentrada no extrativismo mineral, hoje se fortalece na agropecuária bem como na extração de madeira.

Segundo dados do IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010), contamos com uma população de 8.538 habitantes, vale ainda ressaltar que esta população deixou de ser flutuante, fixando raízes no município contribuindo então para o desenvolvimento de Apiacás.

IV - Rememorando a História Apiaká

Apiaká é a denominação pelo qual os habitantes da Terra Indígena Apiaká são conhecidos e se reconhecem e vem lhes sendo aplicada desde o início do século XIX. É uma variante da palavra tupi “apiaba”, que quer dizer “pessoa”, “gente”, “homem”, não sendo, pois originalmente um etnônimo. Seus vizinhos Kayabi os denominam Tpy’iting ou Tppii’sin, isto é, “gente de cor clara”. A língua Apiaká pertence à família Tupi Guarani, tal como a de seus vizinhos Kayabi.

Em consequência do processo de colonização, da explosão demográfica ocorrida na Terra Indígena Apiaká os mesmos dispersaram-se para grandes cursos fluviais como Rio Arinos, Juruena e Teles Pires. A maior parte de sua população encontra-se aldeada na Terra Indígena (T.I) Apiaká-Kayabi, cortada pelo Rio dos Peixes.

Durante o século XIX muitos viajantes desenvolveram relações pacíficas com os Apiaká. Porém, no início do século XX foram massacrados por seringalistas, e devido a esse fator ficaram impossibilitados de sustentar o seu tradicional modo de vida.

Em suas guerras no passado, muniam-se de arco e flecha e lanças. Seus tradicionais inimigos eram os Munduruku, Tapayúna e Nambikwára. Eles sacrificavam os prisioneiros de guerra adultos que eram consumidos ritualmente. O direito de ingestão de carne humana era reservado àqueles tatuados com um quadrilátero em volta da boca, marca trazida pelos índios Apiaká que foram submetidos a um ritual de iniciação.

Os Apiaká abriam suas roças, utilizando machado de pedra com cabo de madeira para derrubar a mata, possuíam reputação de agricultores e viviam também da caça e da pesca. Atualmente, utilizam foice, machado de aço e moto-serra para abrirem suas roças, em que cultivam arroz, banana, cará, abacaxi, e dezenas de árvores frutíferas

e principalmente, a mandioca e o milho. Além disso, sua alimentação é complementada com a caça, pesca e criação de animais domésticos.

Os Apiaká acreditam num Deus criador do céu e da terra que mostra sua fúria através dos trovões.

Atualmente é difícil saber o quanto mantêm suas crenças tradicionais, o quanto acreditam em formas de religiosidade popular ou quanto são católicos.

Antigamente eles praticavam a dança ao som de flautas de bambu, tocadas pelos homens. Hoje já não praticam essa cerimônia, pois passaram a adotar as datas festivas do calendário nacional.

Em relação à saúde, os Apiaká dizem que há as doenças do “civilizado” e as deles. Para debelar os males provenientes dos brancos, recorrem à farmácia da Missão jesuíta.

A marginalização, as doenças, a extinção ou a morte, parece o destino desse povo.

Dentre estes e outros fatores, que afetam a cultura dos Apiaká, sabemos muito bem que o problema indígena no Brasil não é do índio, mas um problema que nós “civilizados” criamos para eles.

Se hoje o índio tem dificuldades com a demarcação de suas terras, foi por que nós “civilizados” a tiramos; se têm problemas com a saúde foi porque introduzimos entre eles as doenças antes desconhecidas.

E agora não sabemos resolver o problema que criamos para eles. Não sei se não sabemos ou se não queremos; talvez sejamos um tanto ignorantes, porque não refletimos sobre as ações praticadas contra os índios. E como os povos indígenas não se encontram em condições de sozinhos, reverter essa situação, algumas instituições se dispõem a pedir proteção, para que não venham a se extinguir

V- Analisando

As entrevistas a seguir foram realizadas com pioneiros do município de Apiacás. Dos entrevistados todos chegaram na região entre 1982 a 1986, de forma realmente espontânea, transportaram para um passado remoto e as lembranças dos tempos são narrados pelos entrevistados, e registrados por seus entrevistadores.

Antes de iniciar a análise dos relatos e entrevistas, quero ressaltar que a organização do corpus é heterogêneo, composto de relatos e entrevistas com moradores antigos de município, que trazem consigo a história de Apicás. E esta se deu muito antes de ser oficializada a colonização da mesma, pois no livro A LENDA DO OURO VERDE, retrata muito bem essa questão.

É necessário lembrar que a história oral é colocada como base de reflexões sobre a linguagem, tanto na compreensão de seu funcionamento, quanto da representação que os sujeitos fazem da língua.

O principal interesse na organização desta coletânea, é encontrar um meio adequado para comentar as informações orais coletadas no decorrer deste trabalho, e delas retirar o essencial para comprovar o que estou buscando a um certo tempo. E estas permitirão revelar o que de fato aconteceu, comprovando assim minhas suspeitas. Destas serão preservadas as características de sua construção e enunciação.

A seguir, duas entrevistas com moradores do município de Apicás, aos quais serão tratados de entrevistado A e entrevistado B.

Observemos o que diz o entrevistado I A:

Há uns ano atrás quando vim pra essas bandas em 82 (1982), aqui era tudo mato, tinha algumas estradas abertas qui o seu Ariosto abriu com a Indeco... as ruas da cidade parecia mais um furriguero, tinha tanta gente e barracos de garimpeiro que deu até medo... Mas como viemos pra trabalhar na terra... ter meu pedaço de chão pra plantar...

Mais aí o garimpo tava uma fofoca danada, e tinha muito oro naquela época... o que a gente plantava só dava pra cume memo... preçu num tinha.

Então falei pra minha família que ia tentar a sorte no garimpo.

Muitos compahero meu disseram pra eu toma cuidado porque tinha índio que rondava os barraco... e que até chegaram a roubar mantimento.

Lembro que um dos companheiro me disse que já tinha até dado uns tiro de espingarda em uns... ele falo que muitos índio morreram porque comeram comida envenenada...

Sabe dona nós sofremo muito aqui nesta região... mas agora esta tudo bem.

Ao ler os relatos e as entrevistas dos antigos colonizadores, e o livro de Regina Beatriz, A LENDA DO OURO VERDE, foi possível perceber explicitamente as intenções da Colonizadora Indeco, e do senhor Ariosto da Riva para com as terras apiacaenses, ao qual o mesmo denominava “Projeto Apiacás”. Essa área de terra deveria ser colonizada a qualquer custo, nada iria impedir as intenções do colonizador.

É importante salientar ainda que, para manter o seu domínio sobre as terras, a empresa *“tinha que enfrentar várias frentes, pois a área na qual estavam sendo implantados os trabalhos de colonização era foco dos mais diversos interesses e conflitos sociais. Era território de povos indígenas”* (Lenda do Ouro Verde, 2002, 104)

Segundo o entrevistado, realmente existiam índios nesta região, e os mesmos, pela sua fala morreram porque comeram comida envenenada, e outros por enfrentarem os invasores de suas terras (os ditos civilizados chamados garimpeiros), isto é, por reivindicarem suas terras de volta, e devido a isso houve muitas mortes, afastando-os então de suas terras de origem, de seus costumes e culturas.

Orlandi (1990) diz que “essa divisão civilização/cultura transplantada para o colonizado se instala, no mínimo, em uma contradição. Nós submetidos aos desígnios (deve ser) da civilização ocidental, somos seres culturais, sobretudo quando resistimos em nossas diferenças, mas para isso perdemos a possibilidade de termos uma história. Já que é pela parcela que nos cabe na civilização ocidental que somos contados em uma história (a da colonização)”.

Ao longo de nossa história, as sociedades indígenas enfrentaram todo tipo de violência. A colonização requeria terras que pertenciam aos índios, e que delas têm sido expulsos desde o descobrimento.

Atualmente, a violência persiste, a expropriação da terra continua sendo motivos de chacinas, assassinatos e violência física. Desde os anos anteriores a expansão econômica vem crescendo, acelerando o conflito e a relação desarmônica entre sociedade branca e indígena.

Observemos o que diz o entrevistado II B, no fragmento abaixo:

Bom quando eu cheguei aqui em 86 (1986), esses três bairros num existia antes, era tudo mato... na beira das avenida era uma fileira só de barracos dos garimpeiro que vinha do garimpo.

Quando vi onde eu vim para fiquei com medo queria voltar pra Bahia... tinha tanto garimpeiro que só vendo...

Quando nós chegamos aqui no sítio, tinha muitos pedaços de vasilhames de índios, alguns estavam até inteiros, panelas, pratinhos, machadinhos de pedra com cabo de pau, e até um negócio de pedra que parecia um paliteiro... precisava de ver... tudo muito ingraçado bonito de ver.

O que sei dos índios Apiacais, é que eles foram despejados pelo Ariosto . em uma reserva... não lembro o nome... Ouvi dizer que muitos até morreram de tiros... outros foram envenenados pelas comidas que jogavam de aviões para eles... quem mandava era o Ariosto da Indeco

Na fala do entrevistado II B percebe-se o sofrimento das primeiras pessoas que aqui chegaram, ao se deparar com a região na sua fase inicial de ocupação e colonização mal planejada, devido a falta de infra- estrutura. A carência de estradas de acesso às áreas de colonização, a escassez de escolas e hospitais, a inexistência de auxílio técnico aos colonos, a ausência de linha de crédito. Fadada ao insucesso as precárias condições de vida e trabalho dos colonos ficaram marcadas nas dificuldades encontradas por eles para extrair da terra a sua subsistência familiar.

Através do depoimento, pude perceber a presença marcante do índio em razão dos objetos encontrados por ele (entrevistado). Quando menciona sobre a extermínio dos índios, relata que os mesmos foram despejados pelo Sr. Ariosto da Riva em uma reserva indígena, não se lembrando do nome da mesma, pois não se interessa por essa questão, caindo no esquecimento. Lembrando-se apenas do ocorrido com os Apiaká, salientando que *foram envenenados pelas comidas enviadas pelo Sr. Ariosto da Riva através de aviões.*” Fica claro neste fragmento, que, para controlar a área a ser colonizada, seria preciso à adoção de um plano sofisticado e eficiente, para desarticular e até mesmo dizimar os grupos indígenas que aqui habitavam. E para a realização desse plano seria utilizado os mais diversos procedimentos para garantir a desocupação da área projetada.

Essa é uma situação pela qual passaram os índios Apiaká. Não só na região mato-grossense, mas em outras áreas que foram colonizadas, em outras regiões do Brasil, onde os índios eram tratados como escravos e como obstáculo ao progresso.

A luta pela demarcação das terras indígenas envolve determinadas questões de preservação que são: enraizamento, a cultura e a identidade étnica de cada sociedade.

Ao perder o seu território tradicional, um grupo indígena perde muitas referências da memória coletiva. O espaço onde vivem é um suporte de referências culturais para todos os povos e em todos os tempos. Porém, os objetivos da colonização só poderiam ser alcançados pela expropriação territorial, a escravidão e destribalização, desorganizando então as instituições tribais que garantiam a autonomia dos nativos, que passam a ser vistos como ameaça aos brancos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não se pode dizer que as discussões feitas no decorrer deste trabalho são definitivas, pois pretendo ir em busca de outros fatos que norteiam ou nortearam a trajetória Apiaká. Quero em uma outra pesquisa, buscar relatos e histórias sobre a colonização dessa região na visão dos mesmos. Porém, vale fazer algumas considerações para então finalizar mais esta etapa de meu trabalho.

No decorrer das investigações, leituras e análises dos relatos, pude perceber que até o momento, os enunciados se referem as questões: **Colonizadora Indeco, e envenenados a mando do senhor Ariosto da Riva dono da própria colonizadora e garimpeiros.**

Sendo assim, percebe-se que o responsável pelo “desaparecimento” da maioria dos Apiaká, é o próprio feitor do Projeto Apiacás, porque em uma de suas falas, pode-se perceber claramente suas intenções para com esta terra; *“nada deveria impedir a ação de um empresariado empenhado em promover o bem-estar social”* (Lenda do Ouro Verde, 2002, 101). Isso quer dizer que ele passaria por todos os obstáculos, quaisquer que fossem para atingir seus objetivos.

Como vimos; posseiros, garimpeiros e agricultores tentavam a sorte em Apiacás e dentre estes estavam aqueles que, crendo no enriquecimento rápido e fácil a qualquer custo, gastaram suas vidas nas frentes de exploração buscando melhores condições de subsistência. E com sua ganância levaram a quase extinção os índios que aqui habitavam.

Em síntese, este trabalho não reproduz senão mais uma etapa do aprendizado a que nós nos submetemos. Quem sabe a descrição desse esforço de aprendizado tenha alguma utilidade para outros.

Assim espero..

REFERÊNCIAS

ORLANDI, Eni Pucinelli. *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*. Campinas, São Paulo: Pontes, 5ª edição, 2003.

ORLANDI, Eni Pucinelli. *Terra à Vista: Discurso do confronto: Velho e novo Mundo*. São Paulo: Editora Cortez, 1990.

ORLANDI, Eni; GUIMARÃES, Eduardo; TARALO, Fernando. *Voices e Contrastes: Discurso na Cidade e no Campo*. Campinas: Cortez, 1988.

BOSI, Eclea. *Memória e Sociedade; Lembranças de Velhos*. 5ª edição. São Paulo, Companhia da Letras, 1998.

TROMPSON, Paul, *A Voz do Passado; História Oral*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

TAUSSIG, M. *Xamamismo, Colonialismo e o Homem Selvagem: um estudo sobre o terror e a cura*. São Paulo. Ed. Paz e Terra, 1993.

GALLOIS, Dominique Tilkin. *Mairi Revisitada a reintegração da Fortaleza de Macapá na tradição oral dos Waiãpi. Núcleo de história Indígena e do indigenismo da Universidade de São Paulo: FAPESP, 1994. São Paulo.*

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. *A Lenda do Ouro Verde: política de colonização no Brasil contemporâneo*. 1º edição. Unicen, Cuiabá – MT – 2002.

